UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS INGLÊS

VALKYRIA EVLLYN CABREIRA

**LÍNGUA CRIOULA E QUAIS OS VESTÍGIOS DESSA LÍNGUA NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Campo Grande/MS

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS INGLÊS

VALKYRIA EVLLYN CABREIRA

**LÍNGUA CRIOULA E QUAIS OS VESTÍGIOS DESSA LÍNGUA NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura em Letras Português Inglês e suas Literaturas sob Orientação do Professor Dr. Antônio Carlos Santana de Souza.

 Campo Grande/MS

2016

Dedico este trabalho aos meus familiares

e amigos que tanto contribuíram para o

sucesso da minha formação acadêmica.

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus professores, por toda a dedicação e conhecimentos transmitidos a mim, nesta importante etapa.

Agradeço também ao meu esposo por todo o suporte, apoio e compreensão durante todo o período de Universidade.

Por isso dediquei-me a aprender,
a investigar, a buscar a sabedoria
e a razão de ser das coisas,
para compreender
a insensatez da impiedade
e a loucura da insensatez.
[Eclesiastes 7:25](https://www.bibliaon.com/versiculo/eclesiastes_7_25/)

**RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo apontar a importância de algumas características do Português do Brasil que são creditadas a línguas crioulas. Por meio de um estudo sociolinguístico, que apresenta hipóteses de como ocorreu a diferenciação do português brasileiro do português europeu, nossa investigação utilizou como fontes livros que tratam do assunto. Fazemos um levantamento desde a chegada dos primeiros colonizadores europeus e seu intento de comunicação com os povos indígenas que já habitavam o Brasil e posteriormente os escravizados vindos da África. Os resultados demostram que o estudo geográfico, histórico e social é de extrema relevância para entender as mudanças que resultaram no português brasileiro.

**ABSTRACT**

This research aims to point out the importance of some characteristics of Brazilian Portuguese that are credited to Creole languages. Through a sociolinguistic study, which presents hypotheses of how the Brazilian Portuguese differentiated from European Portuguese, our investigation used as sources sources that deal with the subject. We make a survey since the arrival of the first European settlers and their attempt to communicate with the indigenous peoples who already inhabited Brazil and later the enslaved from Africa. The results show that the geographic, historical and social study is extremely relevant to understand the changes that resulted in Brazilian Portuguese.

**SUMÁRIO**

1. **INTRODUÇÃO.......................................................................................09**
2. **UM POUCO DE HISTÓRIA DA LÍNGUA...............................................10**
3. **AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS....................................................11**
4. **A LÍNGUA CRIOULA............................................................................14**
5. **CONSIDERAÇÕES SOBRE O “PIDGIN” E SUA RELAÇÃO COM AS LÍNGUAS CRIOULAS...........................................................................15**
6. **CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA “GRAMÁTICA” CRIOULA...............................................................................................16**
7. **CONTATOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL............................................18**
8. **SOBRE OS BANTOS E SUA CONTRIBUIÇÕES..................................21**
9. **O DISCURSO SOBRE A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL............................................................................................27**
10. **CONSIDERAÇÕES FINAIS....................................................................32**
11. **REFERÊNCIAS......................................................................................33**
12. **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa busca depreender as importâncias e características do contato linguístico entre as línguas africanas e o português, de forma a traçar uma linha do tempo da constituição do referido processo, expondo o que seria uma língua crioula e a observância pode ser palpável (ou não) e em quais níveis da língua; por exemplo, o fonético, o fonológico, o morfológico e o sintático. Utilizaremos uma pesquisa bibliográfica para traçar a historiografia crioula pontuada por vários fatores que nortearão a elucidação aqui apresentada dentro de uma perspectiva sociolinguística.

Tendo em vista, a ampla contribuição da língua crioula ao português do Brasil, é fundamental, um debruçar sobre sua constituição ao português brasileiro moderno como “linha de chegada”, e assim, salientar os principais fatores históricos e sociais. O processo de “crioulização” no português do Brasil só é explicável sob uma ótica histórica e fundamentalmente sociolinguista, visto que, é inerente à língua a o fator humano, geográfico, político e histórico que converge diretamente nessa língua. Devemos levar em conta os fatores históricos, as origens dos grupos iniciais, primitivos e adventícios, de acordo com Brandão (1991).

“Não houve nunca uma paz cultural, mas uma guerra de expiação entre as línguas, e muitas, as diversas indígenas e negras, e a portuguesa” (BRANDÃO,1991, p.18).

Inúmeros autores buscam contar a história do português do Brasil partindo de um “mergulhar” na sua história colonial ao Brasil do século XXI, já que as línguas não são organismos desgarrados dos povos que as utilizam.

1. **UM POUCO DE HISTÓRIA DA LÍNGUA**

A partir dos postulados teóricos de Silva Neto (1976) é possível dividir a história do português brasileiro em três grandes blocos que demonstram os caracteres de sua língua e parâmetros sociais presentes na sociedade desde o inicio do processo colonial:

1. 1532 à 1654 – inicio do processo colonial, chegada dos primeiros colonizadores, inicio do plantio de cana-de-açucar.
2. 1654 à 1808 - inicio das bandeiras, exploração do interior do território, chegada de uma maior leva de imigrantes.
3. 1808 – atualidade -Transferência da corte portuguesa para o Brasil e imigração de diferentes povos no século XIX e XX.

Para ele, esses três grandes blocos, por sua vez, são subdivididos em alguns acontecimentos que moldaram tanto a sociedade quando a língua.

No primeiro bloco Silva Neto (1976, p. ) diz que antes da chegada dos portugueses cerca de mil e quinhentas etnias indígenas habitavam o solo brasileiro, dentre as quais diversas partilhavam o mesmo tronco linguístico: tupi, macro-jê, aruaque etc. Nesse cenário linguístico foi realizada as primeiras expedições, e é possível denotar que o português lusitano era minoria, algo que era apenas falado entre os colonizadores, assim sendo, para poderem se comunicar com os índios o conhecimento, principalmente, da língua Tupi-guarani era imprescindível.

No século XVII a “língua geral” era a ponte entre índios e portugueses e foi fundamental para o sucesso das expedições e missões jesuítas. É importante salientar que nesse período a variedade do português da nova colônia não era a praticada na metrópole. Isso porque os primeiros colonizadores portugueses que pisaram em solo brasileiro não pertenciam à nobreza muito menos eram letrados ou ainda versados nas normas do português europeu da época. A grande maioria dos colonos era órfãos,

trabalhadores braçais e analfabetos que utilizavam uma variedade europeia do português falado pela população pobre.

No segundo bloco, apenas em 17 de agosto de 1758, o Marques de Pombal institui o português como a língua oficial e assim são escritos e regidos leis, tratados e inúmeros gêneros de documentos que atestam a legitimidade da língua portuguesa e proibição da “língua geral”. Nesse período o português praticado na colônia já tinha suas características próprias, principalmente no que dizia respeito ao léxico, à fonética e à morfologia. Nesse bloco ainda, por volta do século XVII devido a intensificação da prática de se plantar cana-de-açúcar há um grande fluxo do comércio de escravos para o Brasil. O contato entre línguas e a influência das diversas etnias africanas chegadas à colônia, mesclaram ainda mais as características da língua: o português colonial incorporou o léxico das principais etnias como línguas banto e línguas da África Ocidental (por exemplo, o iorubá).

Naquela época a população na colônia era formada por três etnias: brancos, índios e escravizados, sendo que a maioria étnica era de africanos que por sua vez contribuía com diversas palavras africanas de várias origens. No dicionário de Silva (1712), publicado no Brasil é possível verificar claramente várias influências lexicais: babá, batuque, catinga, macumba, quiabo, etc.

No terceiro bloco, da chegada da corte portuguesa ao novo processo de imigração iniciado no século XIX até meados do século XX, o Brasil recebe grupos distintos de povos: alemães, japoneses, italianos, espanhóis, principalmente. O que também contribuíram para a caracterização do português moderno.

1. **AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS**

Como vimos o processo imigratório de diversos povos foi o ponto inicial para a diferenciação do português falado no Brasil das demais variedades do português. Para tentar explicar as diferenças deste português, são levantadas pelos estudiosos deste fenômeno da língua três grandes hipóteses:

- Hipótese conservadora;

- Hipótese do contato;

- Hipótese da deriva linguística. (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009)

Segundo a hipótese da deriva lingüística, o que ocorreu no português do Brasil foram apenas o lento, gradual e rígido processo de mudança linguística que afeta qualquer língua. Nesse caso, as características do português do Brasil seriam frutos do jogo interno da estrutura, exemplo disso, seria a perda da inversão do sujeito:

1. Nós fomos ao parque
2. Fomos nós ao parque
3. Fomos ao parque

Nos três casos o sujeito é morfologicamente o pronome pessoal “nós” – Em i) esse sujeito é determinado e a frase está em ordem direta (sujeito, verbo e complemento); Em ii) o sujeito também é determinado, porém a frase não está em ordem direta (verbo, sujeito, complemento); Em iii) o sujeito é oculto, ou seja, foi sublimado na oração, mesmo que a oração estando, também assim como i), em ordem direta.

Na medida em que as flexões verbais se simplificam, perdem-se os pronomes acusativos e a preposição “a”, marcadora do objeto direto preposicionado, a ordem se torna rígida para fazer as marcações sintáticas necessárias.

Muito já se discutiu quanto à possibilidade de o português ser/ter sido uma língua crioula, já que, além do contexto histórico ser semelhante ao de lugares onde se tem notícia de crioulos, há inúmeras características gramaticais que remetem às línguas crioulas.

O problema da hipótese de crioulização é tomarmos no singular o português do Brasil e a língua crioula em questão: ou seja, seria o português do Brasil fruto de uma língua crioula? Hoje em dia, é muito mais interessante pensar que possa ter havido línguas crioulas no Brasil – e há fortes indícios que levam a essa conclusão – mas que elas, isoladamente, não seriam responsáveis pelo processo histórico de formação do português do Brasil atual. Ao mesmo tempo, não se deve descartar a importância que o contato com outras línguas possa ter trazido. Seguramente, profundas alterações foram introduzidas na língua a partir do contato linguístico, sem que necessariamente tenhamos que pensar na formação de uma única língua crioula base do português do Brasil.

Se refletirmos na perspectiva da hipótese conservadora seremos levados a inverter o raciocínio: os traços lingüísticos encontrados no português do Brasil seriam devidos mais à conservação do português, fruto e descrito no primeiro bloco, de colonização do que às inovações aqui introduzidas. Assim, enquanto o português de Portugal sofria processos de mudança que lhe dariam as feições atuais, o português do Brasil, pelo isolamento das populações transplantadas, teria mantido aqui as características de antes da mudança. É claro que tal hipótese não explica o sem número de alterações na morfologia e na sintaxe, de que não se tem notícia em Portugal, mas ela é interessante para pensar alguns fenômenos fonológicos. Por exemplo: a queda das vogais pré-tônicas é uma inovação do português de Portugal que se teria implantado a partir do século XVIII – na verdade uma grande alteração no padrão rítmico da língua – que não teria afetado o português do Brasil. O mesmo se poderia dizer da palatalização de /s/ em final de sílaba, muito comum em cidades litorâneas brasileiras, mas pouco produtiva no interior.

O mais provável é que, nos diversos pontos do território, em momentos diferentes, tenhamos a atuação de cada uma dessas forças – a conservação, a inovação estrutural e o contato lingüístico que redundaram tanto nas diferenças do português do Brasil com relação ao de Portugal, quanto nas diferenças encontradas nos dialetos brasileiros. Mas é interessante observar que, quanto mais distante do português normativo, especialmente se consideramos as flexões pronominais e verbais, mais estigmatizado é o falar, no Brasil. Nas obras: *Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação linguística*  (2007) e *Preconceito linguístico: o que é, como faz.* (2003) o autor Marcos Bagno elucida sobre tal problemática.

Como vimos os profundos abraçamentos lexicais, morfológicos e até mesmo fonéticos se deram pela profunda interação das etnias com a língua. A presença do afrodescendente na sociedade brasileira, e de suas diversas etnias, foi uma enorme contribuição para moldar não apenas a face sociocultural, mas a própria língua portuguesa em solo brasileiro, deixando-a impar das de mais.

Obras como *“Casa-grande e senzala”* de Gilberto Freyre descrevem a construção da família e Estado sob a administração econômica patriarcal pautada nas relações mercantis, que reflete sobre tudo na língua relações de poder e principalmente intensa interação entre afrodescendentes e brancos; Vide o titulo da obra “senzala” um termo de origem africana para designar o alojamento dos escravos.

Como demonstrado há uma forte influência linguística trazida pelos afrodescendentes para o Brasil, na formação na língua portuguesa no Brasil. Após definirmos o que é língua crioula, e como ela é formada, veremos o que diz alguns pesquisadores sobre este assunto.

1. **A LÍNGUA CRIOULA**

Qual a origem etimológica do vocábulo "crioulo"? Os crioulos têm todos a sua gênese nas línguas românicas? Diz-nos Aurélio Buarque de Holanda, no seu “*Novo Dicionário da Língua Portuguesa”*, que o vocábulo 'crioulo' tem a sua etimologia no verbo 'criar'. Do mesmo modo, José Pedro Machado *“Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa”* afirma que 'crioulo' provém do verbete 'criar mais a desinência ‘olo’, por sua vez, Fernando Lázaro Carreter *“Dicionário de Términos Filológicos”* limita-se a explicar que a expressão 'idioma crioulo' é mera tradução do francês *créole* ou *créoliolisé* que significa 'adaptado às colônias'.

Significa isto que crioulo, enquanto designação de um idioma, se refere à adaptação feita de qualquer idioma europeu como instrumento de comunicação com os colonizados. Muitas vezes, esta terminologia serve para indicar um idioma misto, ou uma língua franca – ou seja, uma língua usada para o comércio.

O idioma crioulo, contudo, é mais do que isso: é uma língua usada, fora da Europa, como único meio de comunicação entre pessoas que possuem línguas distintas. Isto mesmo é corroborado por Paul Teyssier em*“História da Língua Portuguesa”*

 "Os crioulos africanos de origem portuguesa estão, por sua origem, como os crioulos franceses, ligados à escravatura dos Negros. São os resultados da simplificação e da reestruturação de uma língua européia, feitas por populações alófonas que a adaptavam por necessidade”. (TEYSSIER, p. 95)

Os crioulos têm todos a sua origem numa língua européia, embora não necessariamente românica. Lázaro Carreter refere à existência de crioulos formados a partir de línguas européias, como o Inglês, Espanhol, ou o Francês.

De acordo com a definição mais corrente, os crioulos são línguas mistas que surgiram durante processo de exploração da África, Ásia, Oceania e América pelas potências européias. Dessa perspectiva, as línguas crioulas seriam precedidas de outro tipo de língua mista, ou seja, os pidgins. Portanto, faz-se necessário começarmos pela definição dos conceitos de pidgin e crioulo.

Vejamos o que vem a ser “pidgin” segundo a concepção tradicional. Para Bloomfield (1933), mas, sobretudo após os estudos detalhados de Hall (1996): “pidgin” é uma língua de contato, que surge quando povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato estreito, ou seja, quando têm necessidade de se comunicarem uns com os outros, como ocorreu durante a exploração do mundo pelos europeus.

1. **CONSIDERAÇÕES SOBRE O “PIDGIN” E SUA RELAÇÃO COM LÍNGUAS CRIOULAS**

Como o povo dominante (colonizador) não se dava ao trabalho de aprender a língua dos povos dominados (colonizados), o que em geral acontecia era os últimos tentarem se comunicar na língua dos primeiros. Por tanto, o “pidgin” é uma língua que tem uma gramática drasticamente enxugada, sobretudo a morfologia, porém rica em léxicos, visto que os falantes incorporam e empregam seus léxicos de línguas maternas para buscarem um universo de compreensão comum em um ambiente hostil, o que faz com que esse socioleto seja, bem como seu léxico bastante restrito e de uso quase que exclusivo a seus usuários, como é elucidado por Bagno (2007).

Por definição, ele não é língua materna de ninguém, pois entre si os povos dominados só falam suas respectivas línguas, ao passo que os dominadores nunca se dão ao trabalho de falar outra língua que não a sua própria, logo é constituído uma língua de entremeios, de contato entre os escravos.

Se o grupo linguisticamente heterogêneo, formado por inúmeros colonizados, começa a se consolidar, o “pidgin” passa a ser língua materna de crianças dessa nova comunidade: assim tem-se o crioulo. Logo, língua crioula é um “pidgin” que foi adquirido como língua nativa, como preconiza a chamada teoria da nativização. De acordo com essa concepção, o crioulo é um ex-“pidgin”, ou seja, um “pidgin” que virou língua materna de uma comunidade.

Nativizar seria um fator considerável para a formação e constituição de uma dada língua “secundaria” para uma língua “principal” de uma nova comunidade. A comunitarização de uma língua busca a atender todas as necessidades comunicativas e expressivas de seus usuários, e não apenas as do contato interétnico (relativo apenas às relações e trocas entre etnias diferentes) como faz o “pidgin”; O crioulo, por sua vez, apresenta uma expansão (complexificação) da gramática “pidgin” bem como um aumento considerável do horizonte lexical.

1. **CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA “GRAMÁTICA” CRIOULA**

No fundo a formação de uma língua significa acarreta formação de uma nova gramática, mas a formação de uma gramática implica no processo sócio-histórico de contato de povos e suas respectivas línguas, um estudo filológico sobre a mesma e um investimento de caráter social, como elucida Bagno (2003).

Embora os processos sócio-históricos sejam importantes e pré-requisito para a formação da gramática, no momento, é necessário salientar a formação da própria língua crioula, ou seja, a formação da “gramática” crioula. Portanto, é necessário começar pelo próprio processo de formação da gramática, chamada de gramaticalização, não necessariamente no mesmo sentido em que ela vem sendo empregada pelos especialistas em "gramaticalização".

O fulcro de interesse na crioulística é a formação e a transformação das línguas crioulas, isso significa, em última análise, à qual, essa disciplina - sociolinguística - se preocupa com o aspecto social da formação e transformação das gramáticas crioulas. Ora, formação de gramática é nada mais nada menos do que aquilo que se chama de gramaticalização. É claro que só pode haver gramaticalização se houver antes uma situação de agramaticalidade, se houver uma desgramaticalização prévia. No caso específico das línguas crioulas temos, em seguida e às vezes concomitantemente com a fase de gramaticalização ou de formação do crioulo, um processo de adoção de elementos da língua dominante, de superstrato ou lexificadora, ou seja, a língua de que provieram. Trata-se do processo de regramaticalização. Esse processo pode ir até a ponto de desfigurar a língua crioula, com o que ela passaria a ser apenas uma variedade, ou dialeto, da língua lexificadora.

Segundo a etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, com larga experiência em estudos na Bahia, no Congo, na Nigéria e em Trinidad y Tobago o idioma que se fala no Brasil não é europeu, trata-se de um português africanizado. Uma extraordinária convergência entre o banto (grupo etnolinguístico da África meridional) e a língua de Camões: ''No encontro entre as línguas africanas e o português arcaico, em lugar de surgir um conflito, houve um nivelamento, um processo de africanização'', afirma a pesquisadora.

Dos séculos XVI ao XIX, os bantos foram o grupo negro de maior densidade populacional no Brasil e se distribuíram por várias regiões. Do ponto de vista da linguagem, os empréstimos africanos do português no Brasil são todos de origem banto. E tão integrados ao sistema linguístico do português que deles se formam derivados em português a partir de uma raiz banto. A exemplo temos de molambo vem esmolambado, molambento; de fuxico, fuxiquento, fuxiqueiro. Além disso, as denominações das religiões afro-brasileiras são de origem banto: candomblé, macumba, catimbó, calundu, que é a forma mais antiga de denominação dessas religiões e já se encontra registrada em Gregório de Mattos (poeta barroco) no século XVII. A integração do banto ao português é tamanha que a gente não se apercebe de sua origem. É o caso, por exemplo, de caçula, única palavra que temos para designar o filho mais novo. A palavra em português é benjamim, que, no Brasil, é uma extensão de tomada. O mesmo acontece com cochilar: ninguém diz dormitar, no Brasil.

Muitas vezes o senso comum perpassa a falsa ideia de que há língua sem tradição, quando na verdade, é justamente o oposto. Até mesmo idiomas agrafos como o crioulo tem sua tradição, características e história que influenciaram diretamente o português brasileiro. O não debruçar sobre o estudo histórico do Brasil colônia e das etnias africanas contribui para fortalecer o mito de que os negros, então escravos no Brasil colonial, só adquiriram língua ao serem trazidos para a América Latina, ou ainda, que a história do povo negro e da África começa com a escravidão. Como visto, os bantos, maioria no Brasil do século XIX deixaram inúmeras marcas no português brasileiro.

1. **CONTATOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL**

O contato linguístico da língua portuguesa com línguas advindas da África suscitou inúmeras discussões e pesquisas. No centro destes estudos estão as comunidades afro-brasileiras rurais e urbanas que configuram uma territorialidade que se poderia chamar de ilhas linguísticas. Como tal, caracterizam-se pelo relativo isolamento e por sua circunscrição a um espaço claramente delimitado. As comunidades afro-brasileiras no Brasil enquadram-se como ilhas linguísticas. Entende-se como comunidades-ponto identificadas com uma variante ou variedade de língua que se situam geográfica ou socialmente em torno de um núcleo visivelmente delimitável e coeso. Elas podem tanto apresentar características que refletem o português do período colonial, como também evidências sobre o resultado do contato linguístico, para compreender a diferenciação do português falado no Brasil, na heterogeneidade de suas variantes regionais e sociais, em relação ao português falado na Europa. A língua portuguesa falada no velho continente e seu contato com línguas no Brasil colônia suscitaram muitas questões com várias tentativas de respostas.

A língua portuguesa do Brasil e as hipóteses de sua constituição são alvo de diversos estudos, enfocando-se sua variedade linguística em relação ao português de Portugal. Atestar ou contestar uma suposta origem crioula para tal constituição ou uma mudança linguística natural da língua é questão recorrente na pauta de alguns linguistas e filólogos já há algum tempo. Nosso intento não é entrar nessa discussão, mas didaticamente relatar o que foi discutido por uma e outra corrente de pensamento e retratá-la com argumentos levantados basicamente em defesa de uma e/ou outra hipótese, tal como: estaria a causa de tal variação linguística nas tendências já contidas na deriva da língua ou na influência da crioulização? Em relação à primeira posição – da deriva natural, conceito do linguista norte americano Edward Sapir – seus defensores acreditam que é a tendência já contida no sistema que faz com que a língua tome determinada direção, isto é, evolua naturalmente no sentido de tendências pré-existentes. Nesse caso, as mudanças linguísticas são atribuídas à deriva interna da língua portuguesa, das línguas românicas ou até das línguas indo-europeias. Isso quer dizer que os fenômenos variáveis já vieram da língua portuguesa da Europa e, aqui, num ambiente de complexo quadro sociolinguístico, assumiram um caráter quantitativamente mais expressivo e deram ao português no Brasil seu aspecto característico.

A segunda posição leva-nos à hipótese da crioulização. Para tanto, é necessário que se entenda como se dá a formação de uma Língua Crioula. Ela forma-se a partir de um jargão ou de um pidgin, ambos originados do contato linguístico entre informantes de línguas mutuamente inteligíveis, como um meio de intercompreensão. Nesta perspectiva, as pesquisas, trabalham dentro de uma concepção teórica bastante difundida e atualmente considerada clássica, segundo a qual uma situação de contato pode produzir um jargão que, de acordo com Couto (1996), é uma comunicação de forma pragmática que só se viabiliza devido ao contexto da situação por meio de estratégias individuais, sem normas socialmente reconhecidas pelo simples fato de um grupo não conhecer a cultura e a língua do outro; ele é considerado um pidgin instável, parte de um *continuum* pré-pidgin. Por sua vez, o pidgin consiste em comunicação intensificada rumo à cristalização, “um pidgin estável”. Nessa situação, as soluções individuais são preteridas em favor do estabelecimento de normas sociais. O pidgin desaparece com o tempo ou se nativiza, tornando-se uma língua crioula. Os falantes das línguas dominadas empregam seus esforços para aprender a língua dos dominadores, porém, dada a transmissão geracional de uma que não se trata de língua nativa (L2), com modelo defectivo dos pais para os filhos, a língua é aprendida por meio do que se conhece na literatura por transmissão linguística irregular[[1]](#footnote-1). O que os dominados conseguem é um “simulacro” da língua dos dominadores.

A definição de língua crioula envolve dois tipos de fatores: estruturais e sócio-históricos. Conforme afirma Lucchesi (2009, p. 117), o aspecto crucial para entender o caráter e a natureza das línguas crioulas frente às chamadas “línguas naturais” reside no fato de não haver propriedades e estruturas exclusivas das línguas crioulas, pois “uma determinada variedade linguística não se define por suas propriedades estruturais imanentes, mas pelo processo histórico de contato linguístico que levou à sua formação”. O autor justifica sua afirmativa dizendo que “todas as características estruturais e mudanças que ocorrem nas línguas crioulas podem ocorrer em outras línguas naturais, não crioulas. E nem poderia ser diferente, na medida em que as línguas crioulas também são línguas humanas naturais”.

Os primeiros passos em direção ao estudo da Dialetologia brasileira foram dados com o trabalho de Amadeu Amaral (1976 [1920]), *O Dialeto Caipira*, abrindo caminho para outras pesquisas, nas quais se destacam *O linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1953 [1922]), e *A Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1945 [1934]). Abordando aspectos de determinadas áreas geográficas, essas produções buscaram descrever fenômenos semântico-lexicais, fonético-fonológicos e morfossintáticos que bem ilustram o processo de dialetação do português de realização brasileira.

O trabalho de Marroquim (1945, p. 10) abre discussão para dois pontos contrários à hipótese da crioulização: a lei do menor esforço e o rumo lógico que a língua toma fenômenos próprios da evolução natural dentro da variação dialetal, que nas suas palavras representam a “força viva que surge das massas populares ao impulso de tendências lógicas e naturais”. O autor coloca restrições à influência do africano, ressaltando que a contribuição do afrodescendente em relação ao léxico só se deu quando “o anseio da libertação os ajuntou na república dos Palmares” (MARROQUIM, 1945, p. 118). Neste momento, surgem designações de léxico africano marcando os montes, os cursos d’água e aldeias, numa demonstração de posse, conquista e independência. Amaral e Nascentes, no entanto, aceitam mais a influência indígena e africana na constituição do português do Brasil, tendendo, deste modo, para a hipótese da crioulização, embora não tenham tocado diretamente neste assunto.

1. **SOBRE OS BANTOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES**

Para Yeda, ao invés de crioulo houve um processo de africanização no Brasil, devido à semelhança entre o banto e o português arcaico. Por exemplo. As línguas banto têm sete vogais orais, do ponto de vista da pronúncia. Acontece o mesmo no português do Brasil e o português arcaico: nós temos a, é, ê, i, ó, ô, u. É uma estrutura extremamente vocalizada. Não existe uma sílaba que não seja acompanhada de uma vogal. Mesmo as sílabas átonas são pronunciadas no Brasil como nas línguas banto. No Brasil, a gente diz: menino. Em Portugal, hoje, fala-se apenas a vogal central: mnino. Por conta do banto, nossa tendência é não pronunciar os erres finais dos infinitivos. Como: falá e não falar. Temos também a vocalização do l final. Como no banto, uma sílaba não é fechada com consoante e sim, com vogal.

É de conhecimento geral que na América o Brasil é considerado o maior importador de escravos africanos do mundo, segundo Décio Freitas (apud Moura p. 7) importamos perto de 40% do total de 9.500.000 negros transportados para o Novo Mundo. Seis vezes mais do que os desembarcados nos Estados unidos (6%) e bem mais o dobro dos que foram para a América espanhola (18%), para o Caribe inglês (17%) e para o Caribe francês (17%). Essa massa escrava foi distribuída nacionalmente, em proporções variadas, mas conseguiu estabelecer, no Brasil, uma sociedade escravista que durou quase quatrocentos anos. Holm (1992:299) insiste na possibilidade de um emergente crioulo, caracterizado por situação sociolingüística criada com indivíduos oriundos dos mais diversos locais, utilizando línguas diferentes e obrigados a viver juntos constantemente. A idéia sobre a crioulização prévia foi proposta não somente por ele, mas também por Guy (1981e 1989). Eles têm feito pesquisas com línguas cuja história lingüística crioula ou cuja história lingüística apresenta influência de crioulização.

Com relação à influência africana, o desinteresse seja, talvez, entre outros fatores, devido a não existência dos muitos documentos históricos sobre a escravidão. Sob esse e outros fatores, os autores que defendem a proposta acerca de uma evolução lingüística normal, ou seja, os que seguem a hipótese universalista têm argüido que se as variedades do crioulo português tivessem existido no Brasil, elas teriam desaparecido logo, sem profundas interferências na formação do português vernáculo brasileiro. Como diz Silva, 1993 (apud Naro):

“Apesar da riqueza das fontes a respeito das falas dos índios e dos brancos, é escassa qualquer evidência documentária específica quanto ao português ou outras línguas faladas pelos africanos no Brasil... a documentação não transmite nem a mais leve suspeita de que a língua portuguesa falada pelos brasileiros descendentes dos primeiros cativos africanos fosse diferente da fala de brasileiros de outras origens étnicas”. (SILVA)

Como já afirmado, as línguas indígenas sempre foram faladas no Brasil, mas quanto a línguas africanas, pouco se sabe. Faltam documentos lingüísticos do tempo da escravidão e os papéis oficiais relativos ao tráfico que poderiam dar uma pista em direção aos seus falantes, foram destruídos por ordem governamental em 1891, três anos após a abolição da escravatura no país, com o objetivo não confessado de evitar o pagamento, pelo Estado, de indenização aos senhores de escravos. Esse tipo de dificuldade, porém, não pode servir de motivo para afastar os pesquisadores, já que se calcula terem sido transplantados pelo tráfico para o Brasil mais de cinco milhões de africanos que trouxeram consigo suas culturas e línguas.

Partindo das investigações das manifestações folclóricas e dos falares africanos das comunidades de religião afro-brasileira, descobriu-se que os bantos foram trazidos em levas numerosas e sucessivas para o desbravamento e ocupação de terras desde o século XVI; a princípio oriundos do antigo Reino do Congo, depois de Luanda e Benguela, na costa sul de Angola. Esse dado histórico confirma as razões da predominância no português do Brasil de aportes provenientes das três línguas majoritárias e litorâneas daquela região, o quicongo, o quimbundo e umbundo. Essa última mais evidente em Minas Gerais e São Paulo do que na Bahia.

Há, em suma, uma variedade não *standard* do português brasileiro, o Português Vernáculo do Brasil (PVB) (Holm & al 1999), como sendo um semi-crioulo, uma variedade que, embora partilhando com os crioulos alguns traços estruturais, não resultou de um processo de crioulização radical. Nesta perspectiva, em situação de contacto entre múltiplas línguas, o português, constituindo um modelo pouco acessível, nomeadamente nas comunidades escravas, teria sido adquirido como segunda língua por falantes adultos de outras línguas maternas (em particular africanos) de uma forma imperfeita sofrendo uma reestruturação parcial e nessa forma tendo sido transmitido de geração em geração. A presença de traços tipicamente crioulos (tais como a variação no uso de flexões verbais e na concordância nominal e verbal) ter-se-ia devido, igualmente, à influência de antigos crioulos falados no Brasil (nomeadamente pelos escravos trazidos da costa ocidental de África para trabalhar nas plantações) e atualmente extintos. Para outros autores (como Parkvall 1999), o grau de reestruturação patente no PVB é tão moderado que dificilmente se lhe poderá aplicar a designação de semi-crioulo, podendo a reestruturação existente explicar-se, não só pelo efeito do contacto com outras línguas, mas também, pela evolução interna inerente a qualquer língua.

Demonstraremos abaixo, algumas contribuições dos africanos no vocabulário do português do Brasil, assinalando desta forma, a inegável e forte influência dos falares crioulos em nossa língua:

* Banana: o mais popular dos vocábulos africanos no Brasil. J. M. Dalziel *“The Useful Plants of West Tropical Africa, Londres” (1937)* crê banana originar-se nos idiomas do oeste africano; a bana, plural de e bana, do timé; bana, plural mbana, do sherbro. Timé fala-se no Estado de Samori, costa do Marfim, compreendendo também mandingas e bambaras.
* Cafuné: etimologicamente, é um aportuguesamento do quimbundo Kifune. O verdadeiro termo local de emprego corrente resulta de Kufunata, vergar, torcer. Compreende-se semanticamente que para a produção do ruído, tem que se vergar o polegar quer estalando sozinho, quer também com o indicador, pelo toque das duas unhas, a do polegar na do indicador. O cafuné, segundo os apreciadores, para ser verdadeiramente apetitoso, devia estalar forte, conforme o vulgo, gritar.
* - Farofa: do quimbundo falofa. Resultado de kuvala ofa, expressão que significa: parir morto. Da mecânica lingüística, com toda a sua série de transformações, originou-se o termo valofa, depois modificado para farofa. A alteração do v em f explica-se facilmente: além de serem consoantes labiodentais, o f é mais brando. Afora esta particularidade, ainda se pode admitir o fenômeno da atração silábica: a terminação fa. Agora, quanto à interpretação do sentido do vocábulo: ‘parir morto’. Parir corresponde a preparar, e morto, frio. Quer dizer: preparar com ingredientes frios. Ou melhor: sem a intervenção do calor, para efeito da cozedura.
* - Samba: é um verbo conguês da 2ª conjugação, que significa adorar, invocar, rezar. No angolense ou bundo, igualmente, rezar é cusamba: na conjugação o verbo perde a sílaba inicial do presente do infinitivo; de sorte que, além deste tempo e modo, em todos os outros o termo bundo é samba, e assim é também o substantivo “adoração, reza”. Dançar é no bundo cuquina, no congo, quinina. Como, pois, samba é dança no Brasil? Ora, é a dança sagrada dos feiticeiros, dos curandeiros, dos rezadores. O samba é a dança ritual, a dança da reza, a profana, o baile, o mero divertimento.
* - Banguelo: muitos escravos vindos da cidade de São Filipe de Benguela em Angola, não tinham os dentes da frente, tornando-se estranha a feição apresentada. A ausência dos dentes, retirados na festa da iniciação, luto ou punição, no cerimonial comum em áreas extensas, transmitiu mais esse nome, não indicando a procedência do negro, sua cidade natal, mas agora constituindo forma peculiar na conservação da arcada dentária. Limados em ponta de adaga, ou o triângulo, com o vértice nas gengivas. Desapareceu o negro embarcado no porto de Benguela, mas o banguelo ficou no vocábulo brasileiro.
* - Iaiá, ioiô: tratamentos dos escravos para com os senhores moços, rapazes e moças. As pessoas idosas não recebiam essa saudação de intimidade confiada. Nhãnhã, nhõnhõ, no sul do Brasil. Da Bahia para o norte, sempre iaiá e ioiô com o diminutivo carinhoso iaiazinha. Para ioiô atina-se provir de senhor Jacques Raimundo, citando Bentley, indica do conguês U YAYA, mãe.
* - Zumbi: Zumbi ou Dele é a alma de pessoa falecida recentemente, num período não secular. O primeiro termo é mais usado no interior, o segundo em Luanda. O aportuguesamento de zumbi é canzumbi. E de Dele proveio a expressão mundele, indivíduo de raça branca. Pela decomposição, mukuá-ndele, apura-se a comparação: possuidor de alma, semelhante a alma. Zumbi e Dele derivam, respectivamente, de Kuzumbika e kuendela, ambos os verbos significando perseguir.
* - Corcunda: no Aurélio, quem consulta o verbete corcunda fica sem entender como uma palavra tem origem nela própria. Segundo ele, corcunda é resultado do cruzamento de sua forma dissimulada carcunda com corcova. O lógico, no entanto, é se deduzir que corcunda é que é a forma dissimulada de carcunda, porque ambas derivam do mesmo étimo b10anto da palavra carcunda, assinalado por ele no verbete respectivo como quimbundo e remissivo à corcunda.

Citaremos abaixo trecho de uma carta escrita em crioulo que encontramos em um site.

Módi stado?

M'bem pídi um splicaçom sôbri um cussa qui portuguesis dja flá txeu sôbri criôlo na Cabo Verde o na Guiné. Sôbri Guiné nho t'odja ma nem mémo ques scritôr qui dja scrébi sôbri quel país piquinóti na África, nem ês própi respetá'l. Dja'm lê um artigo sôbri Guiné úndi canto m'sta tirminaba di lê'l m'odja um frázi undi si autor txoma língua di lá di língua di trapos.

I, na Cabo Verde, sima na Guiné, criôlo foi considerado um dialeto di português. Pa quel poco qui m'cônchi di línguas, um língua ê um língua diveras óqui ê consígui si própi forma, qui cata permíti um comprensom cu otos grupo, ê ca simê? I criôlo, na Cabo Verde o na Guiné, cata permití'l.

Antom, m'ta gostaba dum definiçom midjôr... I, sôbri nha testo, m'sta screbê'l na dôs língua pa ser más fáxi di intendi nha raciocínio.

A mesma carta em português

Como está tudo?

Venho pedir uma explicação sobre algo que os portugueses já falaram muito sobre o crioulo em Cabo Verde ou na Guiné. Na Guiné o senhor vê que mesmo os escritores que já escreveram sobre aquele pequeno país na África, nem eles mesmos o respeitaram. Já li um artigo sobre a Guiné onde o autor chamou à língua deles "Língua de trapos".

E, em Cabo Verde, como na Guiné, o crioulo foi considerado um dialeto do português. Pelo pouco que conheço de línguas, uma língua é uma língua deveras quanto ela conseguir uma forma própria, que não permita uma compreensão com outros grupos, não é verdade? E o crioulo, em Cabo Verde ou na Guiné, não o permite.

Então, eu gostaria de uma definição melhor... E, sobre o meu texto, estou escrevendo o mesmo em duas línguas para ser mais fácil de entender o meu raciocínio.

Um abraço lusófono!

1. **O DISCURSO SOBRE A INFLUÊNCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

O primeiro tratamento amplo a respeito das influências africanas no português do Brasil só emergiu, no início do século XX, com as obras de Jacques Raimundo (1933) e Renato Mendonça (1973 [1933]). Estes autores atribuem à influência das línguas africanas a caracterização do português brasileiro, principalmente as línguas Quimbundo e Iorubá, no que diz respeito a alguns aspectos característicos de nossa língua. Os autores ressaltam o fato de os escravizados, introduzidos em grande escala no Brasil, terem aprendido o português de maneira imperfeita[[2]](#footnote-2), tanto nos níveis fonético, quanto morfológico e sintático, bem como terem introduzido novos itens lexicais, provocando assim um “cruzamento” das línguas africanas com o português. Eles ainda mencionam a presença indígena como um fator co-responsável pela diferenciação entre o Português do Brasil e o Português Europeu, sem, no entanto, deixar clara a linha de demarcação entre a influência africana e a indígena.

Refutando as teses de Mendonça e Raimundo e unânimes na posição de que a língua do Brasil era um português uniforme e conservador, reflexo da cultura e da superioridade cultural dos brancos sobre os afrodescendentes, tem-se a tríade de filólogos de formação tradicional: Serafim da Silva Neto (1986), Gladstone Chaves de Melo (1981) e Sílvio Elia (1979).

Segundo esses autores, o que houve foram apenas episódicos falares africanos com a formação de línguas crioulas e semi-crioulas oriundas de uma aprendizagem rápida e imperfeita, mas que foram suplantados com a ascensão social do mestiço. Eles alegam que, na busca de um ideal linguístico, a influência africana ficou reduzida à permanência de traços crioulizantes. Também não descartam a precipitação das derivas latentes no português.

Mattoso Câmara Jr. (1972, 1980, 1985) representa a concepção estruturalista da história da língua. Ele afirma ter havido uma língua crioula falada pelos escravizados, que estando marginalizados não encontraram estímulo para aprenderem “corretamente” o português. No entanto, o fato de manterem estreito contato com os brancos fez com que adotassem seus traços crioulos, acelerando dessa forma a deriva do português. No entanto, é categórico ao afirmar que tal influência não ultrapassa as possibilidades estruturais do sistema, ou seja, embora admita a existência de uma língua crioula, não afasta a hipótese da deriva natural.

A pesquisadora Yeda Pessoa de Castro (*apud* MUSSA, 1991 p. 28), distingue quatro tipos de línguas praticadas por afrobrasileiros: (i) a língua das senzalas, a partir do séc. XVI, de base banto; (ii) a língua rural, no séc. XVII, com base no quimbundo; (iii) a língua das minas, provocado pela corrida do ouro, também de base banto, e (iv) a língua urbana, a partir de 1808. Ela conclui que houve um nivelamento sucessivo entre tais línguas (do mais “africanizado” ao mais “aportuguesado”) e o português do Brasil, no qual não considera a existência de línguas crioulas. Segundo a autora, o que contribuiu também para que línguas crioulas não surgissem no Brasil foram “fatores puramente linguísticos [...] certas ‘coincidências’ entre a estrutura do português e das línguas africanas faladas no Brasil” (*apud* MUSSA, 1991 p. 31). Pessoa de Castro não nega a influência africana no português do Brasil, mas não considera descendente de uma língua crioula.

Nos trabalhos de 1981 e 1986, Gregory Guy, analisando as diferenças existentes entre o português popular do Brasil e o português-padrão, diz que essas diferenças ou são devidas a uma evolução linguística “natural” ou apontam para um processo de crioulização ocorrido no passado, os quais ainda estariam presente. Ele afirma que tais diferenças não são de caráter qualitativo e que a velocidade das transformações é que pode apontar para uma ou outra hipótese, a saber: na crioulização o processo de transformação é abrupto, enquanto que na evolução natural é lento. Ele defende ter havido uma língua crioula de base portuguesa no período colonial, que se descrioulizou com o tempo deixando suas marcas.

Contrariando a posição de Guy, Anthony Naro (1981, 1998, 2001, 2003) rejeita qualquer hipótese de influência das línguas africanas. Ele argumenta que há dois caminhos possíveis para as mudanças sintáticas: ou surgem nos contextos menos salientes e se expandem para os mais salientes (mudança natural), ou o inverso, surgem em contextos mais salientes, alcançando depois os menos salientes (mudança “consciente”). Em relação à hipótese de crioulização ele diz que falta documentação para comprovar a existência de pidgins ou línguas crioulas de base portuguesa no Brasil e que a pré-existência da língua geral inibiu o desenvolvimento de uma língua crioula em terras brasileiras.

John Holm (1992) acredita ter havido uma língua crioula de base portuguesa no Brasil colônia que não encontrou condições para se difundir. Ele advoga o estatuto semi-crioulo do português popular do Brasil, como o resultado do contato entre o português regional e coloquial trazido da Europa para o Brasil desde o século XVI e de uma língua crioula, baseada no português trazido de São Tomé para o Brasil durante os séculos XVI e XVII, e outras variedades posteriores. O autor é categórico ao afirmar que há evidências de que na língua brasileira manifesta-se uma tendência crioulizante.

Segundo Lucchesi (1998 e 2000), houve transmissão linguística irregular no processo de aquisição do PB. Ele considera quatro importantes aspectos da história sociocultural do Brasil que contrariam a estabilização de uma língua crioula no Brasil. São eles: (i) grande mortandade de aloglotas, durante certo período da colonização; (ii) o possível uso de línguas africanas como línguas francas; (iii) o fenômeno da mestiçagem; e (iv) os mecanismos da cooptação social dos mulatos e dos escravizados ladinos, que fomentavam um melhor desempenho desses indivíduos no manejo do português. No entanto, ele também não descarta a possibilidade da existência de processos de pidginização/crioulização de tipo leve, isto é, sem uma reestruturação profunda e independente da gramática, mas com uma redução drástica dos paradigmas gramaticais.

Das nove características apontadas pelo autor como processos de crioulização leve, três são destacadas por Carlota Ferreira (1984) na pesquisa de Helvécia, uma vila que fica no município de Mucuri, extremo sul da Bahia, quando da ida de dois inquiridores do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, em fevereiro de 1961, em busca de vestígios de um língua crioula na boca de uma população quase toda de afrodescendentes. São elas: (i) redução dos processos de concordância verbal e nominal; (ii) reforço do processo de negação, com construções de dupla negação; e (iii) redução do elenco e do uso de preposições. Segundo Ferreira (1984), alguns fatos peculiares, que ocorreram com certa constância em Helvécia, não foram registrados em nenhuma outra localidade (ou então registrados ocasionalmente). Tais fatos levaram a concluir que em Helvécia há ou houve remanescentes de uma língua crioula.

Em relação ao reforço do processo de negação em Helvécia, Callou (1998) levantou as seguintes possibilidades: (i) a repetição da partícula *não* depois do verbo, no fim da oração; (ii) a partícula negativa *não* usada com o indefinido *ninguém*; (iii) o advérbio *nunca* usado com o infinitivo *nenhuma;* e (iv) a repetição da partícula *não* antes do verbo no infinitivo. A pesquisadora afirma, ainda em relação a Helvécia, que “outros usos continuam atuantes dentre eles a alternância no uso e apagamento de preposições, que incita discussão da eventual origem crioula do português brasileiro” (CALLOU, 1998 p. 270). Ou pelo menos o alcance desses fenômenos em outras comunidades afro-brasileiras.

Mesmo não havendo documentos que comprovem a utilização de uma língua crioula no falar da população africana no processo de formação do vernáculo brasileiro, a sócio-história de sua formação mostra que é possível ter havido uma influência substancial de línguas africanas em contato com a portuguesa, durante a colonização do Brasil, sobretudo no que diz respeito à predominância demográfica dos africanos e seus descendentes nesse período.

**10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Elucidar a totalidade e complexidade da língua crioula no vernáculo do português brasileiro é tarefa difícil, necessitaria anos de pesquisa por conta da de documentos. Verificamos a necessidade de comunicação entre colonizadores e colonizados, que levou ao pidgin e a crioulização e a preocupação em manter o português como língua oficial com a proibição da “língua geral”.

O objetivo final desse trabalho é trazer átona pelo viés linguístico e histórico a participação lexical na constituição do português contemporâneo do Brasil. Podemos concluir que o maior abraçamento se deu no campo morfológico com o empréstimo de substantivos comuns e determinados, mas também houve uma enorme contribuição no campo semântico, o qual recebeu sentidos que decorrem tanto das línguas de troncos africanos como neologismos frutos das interações socioculturais e étnicas das inúmeras tribos africanas, que em solo brasileiro, foram escravizadas.

**11. REFERÊNCIAS**

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3. E. São Paulo: HUCITEC; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. [1920]

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

CALLOU, D. M. I. **Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas**. In: GROBE, Sybille e ZIMMERMAN, Klaus. Substandart e mudança no português do Brasil. (eds.) Frankfurt am Main: TFM, 1998, pp. 255-272.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981

CASTRO, Yeda Pessoa de. 1990. **Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos**. In: Linalda Arruda Mello (Orgs.) **Sociedade, Cultura e Língua.** João Pessoa: Shorrin.

COUTO, Hildo Honório do. **O que é Português brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1996

COUTO, Hildo Honório, **A questão da gramaticalização nos estudos Crioulos**, Disponível em <http://www.didinho.org/Arquivo/a%20questao%20da%20gramaticalizacao%20nos%20estudos%20crioulos.htm>. Data de acesso 10/10/2016.

ELIA, Silvio. **O problema da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: INL, 1979.

FERREIRA, Carlota. **Remanescentes de um falar crioulo brasileiro**. In: FERREIRA, Cerlota et al. Diversidade do português do Brasil. Salvador: EDUFBA, 1984.

FRANÇA, Nilcéia Albuquerque. **Origens do Português no Brasil: Da Criolização ao Português Brasileiro.** Disponível em <http://www.rhr.uepg.br/v7n1/7-NP%20Nilceia%20OK.pdf>. Data do acesso 22/06/2016.

GUY, G. R. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonology, Syntax and Language Hiatory**. PhD dissertation, University of Pennsylvania. Ann Arbor: University Microfilms, 1981.

GUY, G. R. **On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese**. In: Estudios sobre Español de América y Linguistica Afroamericana. Bogota: Instituto Caro y Cuervo, 1989.

HOLM, J. **Creole influence on Popular Brazilian Portuguese**. In: Gilbert, Glen (ed.).Pidgin and Creole Languages. Honolulu: University of Hawaii Press, 1992. p. 406-429.

KATO, Mary A. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo.** 2 ed. São Paulo: Unicamp, 1996.q

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009.

[LUCCHESI, Dante; **Resenha***.* Disponível em dihttp://www.scielo.br/pdf/delta/v20n1/a08v20n1.pdf](file:///G%3A%5CLUCCHESI%2CDante%3B%20Resenha.%20http%3A%5Cwww.scielo.br%5Cpdf%5Cdelta%5Cv20n1%5Ca08v20n1.pdf). Data de acesso 10/10/2017.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste.** São Paulo:Ncional, 1045.

MELO, Gledstone Chave de. **A Língua do Brasil. Rio de Janeiro**: Padrão, 1981.

MENDONÇA, R. **A influencia africana do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Sauer 1933.

MOURA, Clóvis. **Quilombos – resistência ao escravismo.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1993.

MUSSA, A. B. N. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta |pereira . **Sobre as origens do português popular do Brasil. In:** D.E.L.T.A. v.9, 1993, p. 437-454.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica,1960

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PAGOTTO, Emilio Gozze, **Variedades do Português no Mundo e no Brasil**. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252005000200017&script=sci_arttext>. Data de acesso 01/12/2016.

RAIMUNDO, J. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

SILVA NETO, Serafi. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**(1976.)

SILVA, Antonio de Moraes. **“Vocabulário português e latino*”*** (1712)

SOUZA, Antônio Carlos Santana, **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

TEYSSIER. Paul. **História da Língua Portuguesa.** Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

1. A transmissão linguística regular é vista como se aplicando a crianças, a partir da fase de socialização, na base de uma amostra de fala susceptível de uma análise ordenada. Por sua vez, a ‘transmissão linguística irregular’, se daria entre adultos e/ou com base em fala não susceptível de uma análise ordenada, talvez por ser caótica, ou por ser em quantidade insuficiente, ou ainda por outras razões (MELLO; NARO; SCHERRE, 2003, p. 230). [↑](#footnote-ref-1)
2. Vide nota 9, quanto à definição de transmissão linguística irregular. [↑](#footnote-ref-2)